

# **GEOGRAFIA ALÉM DA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DO USO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA O PENSAMENTO GEOGRÁFICO CRÍTICO EM SALA DE AULA<sup>1</sup>**

Pedro Henrique Santos Daniel Jacob<sup>2</sup>  
Sílvio Domingos Mendes da Silva<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Este relato tem como objetivo apresentar a experiência vivida numa Escola de Ensino Básico Estadual, em São José-SC, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Geografia-UFSC, através da realização do Mapa Interativo do Brasil (MIB), atividade realizada com a turma de 6º ano do ensino fundamental. O recurso didático desenvolvido com os alunos, é resultante de observações e conversas com a professora supervisora, para buscar maneiras lúdicas e didáticas de aprofundar o conhecimento geográfico, de maneira crítica e totalitária, sendo possível realizar conexões entre assuntos do meio físico e social e compreender em partes suas complexas relações. A atividade foi desenvolvida através de camadas pré-selecionadas de clima, regiões, relevo, vegetação e biomas e duas camadas com cunho social, selecionadas pela turma, através de votação, sendo elas: População e desmatamento e sustentabilidade. Esses assuntos tornaram-se camadas físicas, elaboradas com E.V.A, de maneira que a montagem fosse feita pelos alunos separados em grupos, cada um representando uma região brasileira e suas características. Para aplicação das camadas sociais, utilizou-se recursos digitais e projetor e slides. A atividade nos proporcionou um contato mais dinâmico com o assunto ministrado em sala e gerou questionamentos, também foram feitos recortes ao município de Florianópolis para que os alunos pudessem observar as dinâmicas analisadas de maneira mais próxima às suas realidades, resultando em um interesse ainda maior da turma e gerando novas reflexões. A utilização do recurso didático nos auxiliou, também, na elaboração de outras atividades e permitiu um aprofundamento no debate sobre como a dinâmica escolar funciona, através de diferentes análises em relação à interação da turma com a atividade e entre os estudantes presentes.

**Palavras-chave:** Recurso didático, educação, geografia, metodologia de ensino

## **INTRODUÇÃO**

Neste relatório, buscamos apresentar de maneira detalhada e objetiva as principais experiências que pudemos vivenciar durante os dois anos de projeto de iniciação à docência, subprojeto Geografia UFSC. Neste contexto, apresentamos um panorama geral da escola e suas principais características, adentrando sobre algumas percepções realizadas sobre as

<sup>1</sup> Artigo resultado do Relatório do Subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, Edital Capes 23/2022, executado de novembro de 2022 a abril de 2024.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pedrohenriquejacob22@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Orientador: Doutor em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, silvio.mendes@ufsc.br



turmas em que tivemos contato, seus pontos positivos e pontos críticos, em que nos deparamos com situações às vezes diferentes ou então que não foram, até o momento, abordadas na graduação e que nos exige um pensar mais ativo.

Após essa breve apresentação e diálogos relacionados aos momentos vividos dentro da escola, são apresentadas as atividades desenvolvidas, o que, no nosso entendimento, são pontos alto do projeto e que nos permitiu uma maior aproximação com as turmas e um melhor entendimento de como realizar atividades práticas, colocando-nos em situações muitas vezes diferentes daquelas planejadas, seja por conta de um forte entusiasmo da turma ou então por uma baixa adesão nos primeiros momentos de atividade, fazendo com que possamos elaborar estratégias melhores para futuras aplicabilidades de recursos didáticos dentro do espaço escolar.

Por fim, ao analisar essa primeira trajetória, não só como bolsista PIBID mas também como ex-aluno de ensino fundamental e agora na graduação, trago reflexões sobre o papel do docente e como projetos como esse buscam fomentar a formação dos professores e também contribuir com a construção de um ambiente escolar mais acolhedor, dinâmico e didático, além de todos os desafios que foram encontrados durante todo o edital vigente.

Ante esse cenário, o presente relato tem como objetivo analisar as atividades desenvolvidas durante o período de execução do Subprojeto de Geografia, no âmbito do Programa de Iniciação à Docência, em uma escola da rede estadual de ensino de Santa Catarina, Ensino Fundamental II, mas principalmente apresentar e analisar uma atividade em específico realizada com uma turma do Sétimo Ano do Ensino Fundamental denominada de Mapa Interativo do Brasil (MIB), na qual nos debruçamos por mais tempo, porém com a mesma intensidade das demais atividades.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do artigo está baseada em conhecimentos teóricos adquiridos no curso de Geografia, leituras afins e nas orientações do Orientador do projeto; também no convívio harmonioso com os colegas, alunos da escola e principalmente nas observações e conversas com a Professora Supervisora, que de forma simples e didática, nos repassava suas expertises para podermos lidar com situações diversas.

Como metodologia, optamos por uma abordagem qualitativa. A opção por este enfoque fundamenta-se na obrigação de compreender as percepções de alunos e docentes, seguindo os princípios de investigação qualitativa de Bardin (2011). Através deste viés científico, entendemos que a observação deve ser entendida como uma etapa do método,



que versa em perceber e registrar o que se vê, sem a priori, interpretar. Para Gil (1999), trata-se de uma técnica de coleta de dados que se utiliza em pesquisas teóricas e empíricas, sendo, portanto, a base procedimental da metodologia científica e que está presente em todas as pesquisas.

De forma didática Minayo (2015), afirma que a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ocupando um lugar central no interior das teorias, sendo o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador.

Também em conformidade com a autora citada, a teoria e a metodologia caminham juntas, e devem ser inseparáveis, sendo a teoria um artefato utilizado pelos investigadores, que lançam luz sobre a questão da pesquisa. É chamado teoria, o domínio empírico, construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. No processo de pesquisa é trabalhado a linguagem científica das proposições que são construções lógicas; e conceitos que são construções de sentido. (Minayo, 2015).

Dentro desse contexto científico, a observação e o levantamento teórico, a partir de leituras afins, foi o nosso carro chefe nessa fase de execução dos trabalhos.

## **DADOS SOBRE A UNIDADE DE ENSINO**

A Escola está localizada no município de São José, Santa Catarina, e pertence à rede estadual de ensino. Dentro dos padrões da região, pode ser considerada uma escola de porte pequeno. Seus 380 alunos se encontram distribuídos em 17 turmas e por se tratar de uma escola de ensino básico, as turmas são de ensino fundamental I e ensino fundamental II, em turnos matutinos e vespertinos, tendo como disciplinas base: Geografia, português, ciências, matemática, educação física, história e artes. Contando com a presença de um professor por disciplina e tendo a geografia como a única disciplina a contar com bolsistas PIBID.

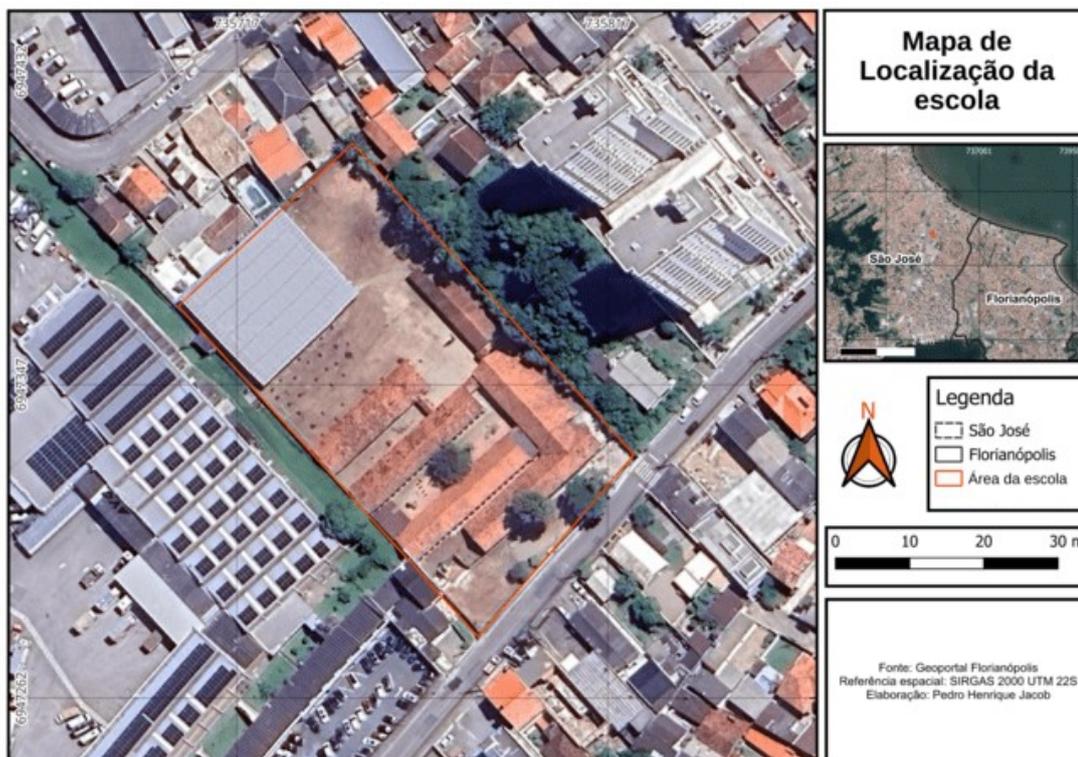
A escola conta como uma infraestrutura básica. Todas as turmas têm suas respectivas salas e, por se tratar de uma escola relativamente pequena em número de alunos, não conta com superlotação dentro das salas, o que facilita o estudo e organização. Além disso, existem algumas salas vazias, o que permitiu uma melhor instalação do PIBID e favoreceu a criação de um espaço colaborativo com os alunos e professores, porém são espaços que poderiam ser melhor utilizados e projetados, como uma sala de pesquisa ou um laboratório de informática, por exemplo. Além das salas de aula, a escola conta também com uma sala de vídeo, sala de artes, biblioteca, sala de apoio pedagógico com recursos para educação inclusiva, quadra



coberta, campinho e alguns brinquedos voltados às crianças de turmas iniciais.

Outra questão importante e que nos chamou atenção, foi a participação dos pais e demais pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Isso foi observado principalmente em relação a organização das festas, que além de serem momentos de confraternização e utilização do espaço de maneira mais recreativa, permite que os formandos (9º ano) possam levantar recursos para o pagamento da formatura. Além disso, é um momento de apresentações dos estudantes, geralmente de dança, e de trabalhos realizados no trimestre, já que as festas, mesmo tendo uma temática pré-estabelecida, contam com um tema que geralmente trabalha a inclusão e percepções sobre a educação e o aluno. As celebrações que pudemos presenciar foram a Festa da Família e Festa Junina, ambas cheias e movimentando o espaço escolar com famílias e alunos.

Imagem 1: Localização da escola.



Outros pontos importantes em relação à infraestrutura da escola, eram os materiais didáticos que, apesar de estarem presentes em um número significativo, ao darmos início no projeto, estavam guardados em salas fechadas e percebemos que não estavam sendo utilizados há algum tempo. Uma das primeiras iniciativas da nossa participação no PIBID, neste ambiente, foi a organização deste material, principalmente aqueles relacionados à geografia (atlas e jogos) para que estivessem à disposição da professora Supervisora durante suas aulas ou então para que pudéssemos utilizar para ilustrar nossas atividades com os alunos.



## AS TURMAS TRABALHADAS E SEUS COMPONENTES

Nos nossos primeiros dias na escola, tivemos a oportunidade de acompanhar a professora Supervisora em suas aulas e entender, de maneira mais aprofundada, quais eram as dinâmicas e diferentes perfis de turmas que se encontravam no local. O primeiro ponto que nos chamou atenção foi o número de alunos por turma, que se tratar de uma escola com poucos alunos, eram mais tranquilos e com certa facilidade para se trabalhar. Este é um ponto que retrata uma realidade da região, já que por se tratar de uma localidade com muitos empreendimentos residenciais novos e de padrão mais elevado, acaba gerando uma forte especulação imobiliária no entorno da escola e por ser um local com denso aglomerado de residências, acaba atraindo o surgimento de escolas particulares. Em conversas com a professora Supervisora, foi nos relatado que o esvaziamento da escola se deu por conta da mudança de moradia dos alunos e as novas famílias que chegavam, tinham como preferência os colégios particulares ou então o colégio municipal, que contava com uma melhor infraestrutura, em comparado ao colégio estadual.

Com isso, a escola era responsável por atender, em sua maior parte, os alunos que vinham de comunidades próximas, resultando em uma troca do perfil do aluno e fazendo com que os professores se deparassem com outro desafio: a evasão escolar pós ensino fundamental, reflexo de uma realidade em que muitos alunos começavam a trabalhar após esse período para complementar a renda familiar. A alternativa para o problema em questão, foi realizar uma abordagem mais próxima dos alunos, principalmente àqueles em anos finais do ensino fundamental. Uma das práticas adotadas pelas professoras de geografia e ciências, foi a elaboração de um intensivo de estudos preparatórios para a prova do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), que conta com ensino médio profissionalizante, sendo uma oportunidade de formação escolar, por permitir que os estudantes concluam o ensino médio, mas que também possam ter um melhor preparo para ingressar no mercado de trabalho.

Além dessa didática, também foi realizada uma saída de campo para a 1ª Feira de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresentando aos alunos o que é feito dentro de uma Universidade Federal e que essa é uma realidade possível. Aqui foi possível acompanhar as turmas durante o campo e um dos fatores que podem ser pontuados é que, muitos estudantes que estavam presentes, não sabiam que a UFSC era gratuita e que o ingresso era somente por meio do vestibular ou ENEM. Isso mostra que além da distância física entre escola e universidade, existe uma distância interna, que faz com que muitos alunos não vejam a universidade como uma possibilidade para o futuro.



O perfil dos estudantes e das turmas eram muito variados, sendo possível perceber tal diferença em momentos de atividade, resultando em um olhar mais profundo da educação, já que muitas vezes nossa empolgação na elaboração das atividades ou participação em sala de aula, não refletia na turma e muitas vezes era possível observar o contrário, um engajamento por parte dos estudantes. As turmas das séries iniciais, geralmente permitiam um entrosamento mais rápido com os bolsistas e com isso, um envolvimento maior com as atividades desde o momento da explicação até a aplicação da parte prática.

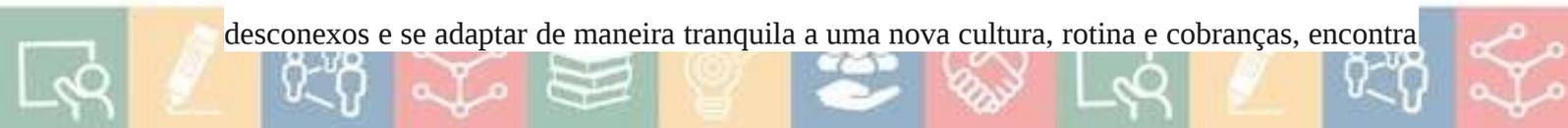
Já com as turmas do fundamental II, percebemos que os primeiros contatos eram mais distantes e que não havia uma interação muito forte nas partes mais teóricas e de explicação das atividades, mas com o passar dos dias, principalmente em atividades que demandavam mais tempo, os alunos permitiam uma maior proximidade e assim foi possível gerar uma melhor conexão, resultando em um ótimo resultado para as práticas propostas.

A questão da inclusão também foi pauta nos debates e reuniões entre os bolsistas, já que a escola conta com diversos alunos com deficiência e de outros países e estados do Brasil. O contato com realidades diferentes das nossas, é algo que acrescenta em nossa formação e é positivo. Organizar materiais que podem ser utilizados por todos os alunos é algo que se torna cada vez mais necessário quando falamos em uma educação inclusiva e ter essa percepção e sensibilidade diante de uma turma com 25 alunos, em que cada um tem suas especificidades, é algo que deve ser levado em consideração durante o período de formação e de atuação nas escolas.

Além disso, ver como os outros alunos se portam perante esses desafios da educação inclusiva é algo que nos chamou atenção, já que a maioria dos alunos buscava incluir os outros ou explicar para os bolsistas como poderíamos trabalhar com os alunos com deficiência de determinada turma, já que esses conviviam diariamente com esses alunos, além de todo o apoio da professora Gabriela.

Por outro lado, nos deparamos com comentários racistas, machistas e também xenofóbicos, por alguns estudantes em relação a outros colegas, principalmente por conta da escola ser local de estudo de alunos estrangeiros. Além desses percalços enfrentados por conta desses discursos, o corpo docente/administrativo da escola, ao perceber essas situações, buscava agir de maneira rápida, para inibir comportamentos como esse.

Outra questão foram as barreiras linguísticas e culturais. Muitos desses alunos vieram de realidades e países diferentes do Brasil e muitas vezes de maneira rápida. Isso faz com que o estudante, que é uma criança e que muitas vezes não consegue assimilar tantos pontos desconexos e se adaptar de maneira tranquila a uma nova cultura, rotina e cobranças, encontra



um distanciamento naquilo que deveria ser o maior espaço de socialização e aprendizagem dos primeiros anos de sua vida.

Para superar essa realidade, foram adotadas algumas estratégias, além de temáticas abordadas nas festas realizadas. Uma dessas foi a confecção de atividades ligadas a essas outras culturas, não somente para que o aluno estrangeiro se identifique mais com o conteúdo, mas para que a turma possa se aproximar ainda mais, pois sabemos que muitas vezes esses comentários carregados com preconceitos, são reproduções que os alunos acabam trazendo de fora para dentro da escola. Porém, essa estratégia nem sempre funcionava e muitas vezes o que nos resta é entender e respeitar esse espaço, pois sabemos que existem diversos outros fatores que implicam naquela situação que foi presenciada.

## **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E DIMENSÃO À DOCÊNCIA**

Desde o início do projeto, tivemos muita liberdade para elaborar e pensar em atividades a serem desenvolvidas com as turmas, em conjunto e com sugestões da professora Supervisora e com o Orientador. Trabalhamos com praticamente todos os alunos da escola, dos anos iniciais aos anos finais, sempre se baseando no conteúdo lecionado pela professora e buscando elaborar as dinâmicas da maneira mais didática e intuitiva possível. Além de muitas vezes auxiliar os alunos com pequenas dúvidas em sala de aula, as principais atividades desenvolvidas foram:

### **ATIVIDADE 1: CAÇA AO TESOIRO COM A ROSA DOS VENTOS**

A atividade foi desenvolvida com a turma do 3º ano do ensino fundamental. Mesmo não sendo uma turma ligada à professora supervisora, essa possibilidade surgiu a partir de um pedido da professora da turma. O assunto que estava sendo ensinado era “direções e pontos cardeais” e com isso, elaboramos um caça ao tesouro em que consiste utilizar a rosa dos ventos para se guiar até a recompensa final. Além da parte de trabalhar as direções, também trabalhamos com a noção de pontos de referência para que as crianças pudessem se orientar de maneira mais correta no espaço. Foi uma atividade muito positiva, pois as crianças conseguiram aprender os conceitos básicos e aplicar de maneira objetiva, além de ficarem animadas com a dinâmica.

Imagem 2: Atividade caça ao tesouro com rosa dos ventos





Fonte: Autores, 2024

## ATIVIDADE 2: FORMAÇÃO DE CRISTAIS

Atividade realizada com o 8º Ano e consistiu em apresentar para os alunos como alguns cristais se formam, a partir de um modelo simulado de como o processo ocorre na natureza. Para isso, separamos a turma em pequenos grupos e preparamos os materiais necessários. Para a realização do experimento, utilizamos água, sal, pote de vidro e um barbante, com isso, saturamos a água com o sal de cozinha (NaCl), colocamos no vidro e penduramos o barbante de maneira com que não tocasse no fundo do pote. Colocamos dentro da sala do projeto PIBID para que os cristais pudessem se formar a partir da evaporação da água, porém o experimento não pode ser completamente concluído por conta dos trabalhadores da limpeza que acabaram descartando os líquidos por conta da falta de aviso. A atividade foi finalizada com os poucos vidros que sobraram, porém foi suficiente para que os alunos pudessem observar os cristais de sal que haviam se formado no barbante e por todo o pote.

Imagem 4: Atividade de formação de cristais





Fonte: Autores, 2024

#### **ATIVIDADE 4: MAPA INTERATIVO DO BRASIL – MIB**

Essa foi nossa grande atividade que elegemos para ser executada durante o segundo semestre do último ano do projeto na escola. A atividade foi desenvolvida com o 7º ano, por fazer parte do assunto que era trabalhado em sala de aula com a professora, mas também para abordarmos assuntos mais críticos e relacionados com diversas áreas da geografia, além de trabalhar a visualização do mapa brasileiro e permitir um conhecimento mais geral sobre outras regiões do país. O Mapa Interativo do Brasil (MIB) consiste em um mapa base e que a partir dele, outras camadas são sobrepostas com temáticas diversas. Escolhemos os seguintes temas: regiões do país (mapa base), clima, biomas, relevo e também dois assuntos ligados à sociedade, que foram votados e escolhidos com a turma.

A atividade começou com o planejamento para definir quais bases seriam utilizadas, para dar início aos primeiros esboços. Como se tratava de algo mais interativo e para ser feito em conjunto com toda a turma, fizemos um molde grande com o auxílio da sala de vídeo da escola, que contava com um painel e projetor. Esses moldes seriam utilizados como referência para os alunos da turma, já que foram separados em grupos, cada um sendo representante de uma região brasileira. Sendo assim, esses grupos seriam os responsáveis em recortar o E.V.A de acordo com cada um dos moldes. A atividade necessitou de algumas aulas para serem realizadas mas tivemos todo o apoio e auxílio da professora supervisora e todo esse processo permitiu com que os alunos revisassem os assuntos estudados, para uma melhor visualização de suas respectivas regiões.

Após os recortes feitos, escolhemos os assuntos sociais com a turma, que optou por



fazer sobre população indígena, branca e negra e sobre desmatamento e poluição. A turma realizou a montagem do mapa a partir dos recortes de cada grupo. Foi interessante observar que, conforme o mapa ia se completando, os alunos começaram a associar que, camadas como biomas, clima e relevo, não se limitavam somente a divisão dos estados e que diversas regiões eram conectadas por uma mesma característica. Percebemos também que ao iniciar a atividade, existiu uma certa dificuldade por parte dos alunos em visualizar as partes separadas do mapa.

Após a montagem das camadas, perguntas foram surgindo e fomos direcionando aos assuntos escolhidos sobre temas sociais. A principal pergunta que trabalhamos após a montagem do mapa, foi se eles acreditavam que o recorte dos biomas estava exatamente daquela maneira e neste momento a sala ficou um pouco dividida, mas foi interessante apresentar os biomas em suas totalidades para poder apresentar a realidade, que é bem diferente da apresentada com o mapa por conta do desmatamento e uso do território nessas regiões, como é o caso da mata atlântica, que conta apenas com 12% de sua área original preservada.

Para trabalharmos com a questão da população, utilizamos a sala de vídeo e apresentamos diversos mapas interativos que retratam a realidade de distribuição da população no território. Esta parte foi muito interessante, pois também foi possível estabelecer diversos debates com a turma e os motivos dessa distribuição populacional estar configurada de tal maneira. Além disso, algo fundamental para aplicação de qualquer conteúdo, é trazer esses elementos para a realidade dos estudantes e para isso aplicamos os mesmos mapas para as regiões de Florianópolis e São José, municípios em que a maior parte dos alunos são residentes. Para essa etapa contamos também com o auxílio do nosso professor orientador, que contribuiu de maneira muito rica com o tema abordado.



Imagem 5: MIB - Mapa Interativo do Brasil



Fonte: Autores, 2024

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do contato com o ambiente escolar, foi possível realizar uma leitura mais aprofundada sobre os conceitos estudados até então na graduação e mesmo assim, nos deparamos com diversas situações desafiadoras e diferentes de tudo aquilo que havíamos estudado. Isso permitiu um certo amadurecimento durante a trajetória do programa, seja por participarmos de espaços de aula ou em espaços mais sérios, como foram os momentos em que estivemos na sala dos professores e podemos acompanhar alguns problemas diferentes e que muitas vezes não eram levados para sala de aula.

Também nos deparamos com situações em que nossas ideias eram contestadas, principalmente aquelas que visavam desenvolver algum espaço “comunitário” na escola, como a sugestão de uma horta. Sabemos que isso depende de recursos e que muitas vezes a escola não tem verba para tal atividade, mas a ideia seria um manejo contínuo por parte das turmas para que toda a comunidade pudesse se beneficiar.

Acompanhar as aulas com a professora supervisora e desenvolver as atividades com as crianças, resultou em um olhar mais delicado e solidário sobre as diferentes realidades que temos dentro do espaço escolar, seja no momento em que nos deparamos com situações críticas ou no momento em que tínhamos que pensar em atividades possíveis de serem realizadas com toda a turma. Trabalhar com o assunto definido e ir além, gerar uma integração maior, pois sabíamos que o espaço escolar é um lugar que deve ir para fora da sala de aula.



Neste ponto, acreditamos que o programa contribui de maneira muito eficaz para a formação destes futuros professores que têm o privilégio de ter esse primeiro contato com a docência, porém de maneira mais lúdica e observatória, diferente de um estágio obrigatório. Outra leitura que fizemos, a partir da nossa participação no projeto, é a certeza de seguir no campo da licenciatura, pois acompanhar a rotina escolar do modo em como foi feito, mostra como é possível mudar a realidade daqueles alunos com o conhecimento ensinado, além de permitir uma observação mais crítica sobre a precarização do ensino público e entender também o contraste com professores que já exercem seu papel em uma trajetória muito mais longa em relação a nós bolsistas, que estamos chegando e enfrentando essas questões agora.

Ao chegar ao fim da experiência como bolsista, vejo que além de ser algo que contribui com a formação de futuros professores, é algo que agrega de maneira muito considerável ao ambiente escolar, já que permite com que os alunos tenham contato com outros recursos e didáticas, proporcionando uma maior proximidade entre a turma e também com a escola. Vemos que o PIBID, além de ser uma iniciativa que facilita o estudo dentro das escolas, também contribui para a construção de um olhar diferente sobre o que é a escola e como ela participa do momento de vida de todos que ali estão. Como citado anteriormente, visualizar a escola para além da sala de aula é algo fundamental para que possamos construir uma educação mais inclusiva e que atravesse barreiras. Proporcionar para o aluno o contato com diferentes realidades, amplia seu olhar sobre o mundo e faz com que se entenda que existem questões que vão muito além do que já conhecemos e, se tratando do nosso subprojeto geografia, entender as diversidades é algo fundamental para entendermos as relações estabelecidas em todos os lugares.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 2008.

MINAYO, M.C. S. O. **Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

